



O PODER DA NOBREZA E DA IGREJA EM A VIAGEM DO ELEFANTE DE JOSÉ SARAMAGO

PASINATTO, Rubiamara¹; NONNENMACHER, Dalila Batista²

Palavras-Chave: Literatura. História. Sociedade. Igreja.

Introdução

Escrita dez anos após a atribuição do Prêmio Nobel a Saramago, *A viagem do elefante* mostra um Saramago em todo o seu esplendor literário.

O tempo da narrativa é por volta do século XVI, quando o rei D. João III ofereceu a seu primo, o arquiduque Maximiliano da Áustria, genro do imperador Carlos V, um elefante indiano chamado Solimão que há dois anos estava em Belém, vindo da Índia - Ásia.

Solimão era propriedade do império português, e vivia um tanto quanto esquecido em Lisboa, sob os cuidados de Subhro. De pouca ou nenhuma serventia aos interesses do rei D. João III, o elefante é presenteado ao arquiduque austríaco Maximiliano II, recém-casado com a filha do imperador Carlos V, que aceita o presente e imediatamente procede a mudança dos nomes de Solimão e Subhro para Salomão e Fritz. A partir da doação, o narrador passa a contar a história da longa viagem empreendida por Salomão e Fritz pela Europa até a Áustria.

A obra tem entre os principais detalhes eventos onde se percebe a crítica constante à sociedade, tanto no que se refere ao exercício do poder proveniente da nobreza, quanto o poder advindo da Igreja católica.

Em *A viagem do elefante* Saramago reflete o retrato do poder. A possibilidade de decidir sobre a vida do próximo, como rei D. João III interferiu na de Salomão.

[...] Temos o Salomão [...] Sim, senhor, salomão, o elefante [...] Para o presente senhor, presente de casamento [...] Parece-me uma ideia interessante [...] há mais de dois anos que esse animal veio da Índia, e desde então não tem feito outra

¹ Acadêmica de Letras/Inglês da Universidade de Cruz Alta, Jornalista e Especialista em Linguística, Literatura e Ensino de Línguas.

² Profª Mestre em Teoria da Literatura PUC/RS. Profª de Lit. Portuguesa da UNICRUZ; atuante como colaboradora nos grupos de pesquisa: GEPELC – Estudos Linguísticos e Literários; GEL – Estudos Linguísticos e GPEHP – Cultura, Educação e Sociedade. E-mail: dalilamacher@terra.com.br



coisa que não seja comer e dormir, a dorna da água sempre cheia, forragens aos montões, é como se estivéssemos a sustentar uma besta à argola e em esperança de pago. (SARAMAGO, 2008, p. 13)

Nesse ponto, a maioria dos críticos destaca a característica que o escritor tem de refletir: o quanto os destinos dos homens e dos “Salomões” dependem de decisões, nem sempre justas e racionais, dos poucos que carregam entre os dedos muitos nomes e muitas vidas? O quão justo é o império sobre a vida dos outros?

Quem é esse Salomão perguntou o marinheiro, Salomão era o nome que o elefante tinha antes de passar a chamar-se solimão, tal como sucedeu comigo que, tendo sido subhro, desde que vim a esse mundo agora sou Fritz, Quem vos mudou os nomes, Quem para isso tinha poder, sua alteza o arquiduque que vai neste barco [...] (SARAMAGO, 2008, P. 168)

Outro aspecto pode ser percebido nas intenções de Saramago: a crítica a Portugal como uma terra com um povo com certo atraso cultural, com regiões do interior esquecidas e abandonadas. Também se evidencia a ressalva aos governantes que fazem tudo pela aparência. Exemplo disso é que para a longa jornada o rei preocupou-se mais com os militares que iam acompanhá-la do que com a quantidade de bois necessários para transportar alimento para o elefante.

Ainda merece destaque a crítica à manutenção de uma honra inútil, pois sabendo que os austríacos pretendiam buscar o elefante antes de chegarem a Valladolid, quase fizeram uma batalha para serem eles a transportar o animal até ao seu destino na mesma cidade. No entanto, não existe somente a crítica a Portugal.

É evidente também a iniciativa de Saramago de criticar a arrogância dos poderosos mostrando isso, de forma clara, com o comando do destino de Subhro sem o seu consentimento e, com a mudança de nomes a mando de Maximiliano, que usa o seu *status* e o estatuto por ele elaborado, como já se destacou no fragmento acima.

Um segundo aspecto perceptível em *A viagem do elefante* é a crítica irônica à Igreja:

[...] Vem aí a inquisição, meu senhor, acabaram-se os salvo-condutos de confissão e de absolvição. A inquisição manterá a unidade entre os cristãos, esse é o seu objetivo [...] Se o objectivo é santo, santos também serão os meios de que se servir [...] (SARAMAGO, 2008, p. 17)

A narrativa está imersa em pleno surgimento do protestantismo, tempo em que a Igreja não olhava meios para travar a sua expansão. Isso fica claramente explícito na



passagem em que Subhro é obrigado, sob ameaças, a “fabricar um milagre” com Salomão, fazendo-o ajoelhar-se à porta da igreja. Abaixo o momento em que o padre explica para o cornaca o porquê da necessidade do “milagre” do elefante se ajoelhar em frente da basílica de Santo Antonio:

Porque Lutero, apesar de morto, anda a causar grande prejuízo à nossa santa religião, tudo quanto possa ajudar-nos a reduzir os efeitos da pregação protestante será bem-vindo, recorda que ainda só há pouco mais de trinta anos foram afixadas as suas nefandas teses às portas da igreja do castelo de wittenberg e o protestantismo vai alastrando como uma inundação por toda a europa, Não sei nada dessas teses, ou lá o que seja, Nem precisas de saber, basta que tenhas fé [...] (SARAMAGO, 2008, p. 189-190).

Convém destacar um pormenor curioso: o arquiduque era protestante, por isso toda a encenação armada não tinha sentido de “milagre”, como se pretendia.

Metodologia e/ou Material e Métodos

Para a análise da obra, inicialmente foi realizada uma leitura acurada da obra e levantamento dos principais temas e abordagens. O segundo passo foi a escolha do foco de análise, sendo que as temáticas escolhidas foram o poder exercido pela Igreja católica e a nobreza.

Resultados e Discussões

Dessa maneira, como foi possível comprovar pelos fragmentos retirados da obra, evidencia-se em *A viagem do elefante*, um entrelaçamento do poder que provêm da corte, da nobreza, e do poder da Igreja. Em relação a esses dois aspectos é cabível comentar que, existe na obra, uma tentativa clara de manter aparências, de tornar o elefante “um presente inesquecível”, e valioso, sem que isso o fosse realmente já que o rei D. João III queria livrar-se verdadeiramente do animal.

Outra reflexão bastante explorada pelos críticos literários ainda cabe: Saramago teria refletido na viagem de Salomão a metáfora da vida, que inevitavelmente conduz a



todos ao mesmo final: à morte, mas com fantásticas aventuras que podem acontecer no percurso?

Conclusão

O humor e a ironia empregados na tentativa de mostrar a relação do homem consigo mesmo é um recurso recorrente nas obras de Saramago. Em *A viagem do elefante* é somada à relação do homem o encontro com um animal. O autor se vale disso para uma reflexão bastante saborosa sobre as várias facetas do ser humano e suas experiências com as instituições que detinham o poder e ditavam as regras da época: a corte e a igreja.

É sem dúvida, acima de tudo uma leitura saborosa, instrutiva, com aspectos histórico-geográficos detalhados, muito engraçada e repleta de possibilidades de leituras/releituras. Permite uma profunda reflexão a respeito das diferenças humanas.

Referências

GONÇALVES, Max Alexandre de Paula. **Narrativa, Tradição e Experiência: Análise de aspectos da Literatura Tradicional/Oral/Popular em A Viagem do Elefante, de José Saramago.** Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlc/revistas/desassossego/conteudo/04/ARTIGO_Max_Alexandre.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2012.

PORTEFOLIO DE LEITURA. **A viagem do elefante, de José Saramago.** Disponível em: <portefolioricardo.blogs.sapo.pt/2452>. Acesso em: 22 abr. 2012.

SARAMAGO, José. **A viagem do elefante.** 7 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.